

FANTASMAS À LAREIRA

José Romelto
11-9-80
1981

Uma noite fria e escura de Inverno, nasce uma pequena e bela aldeia elinhota. Alorna de muitas casas de granito, espalhadas pela mansidão dos campos, uma família, aquecendo-se à lareira que ilumina a sua cozinha, descansa e conversa, fora desabafar um dia de trabalho e de tristuras. A noite lá fora é trémula e escura, que, por ela vagueiam milhentos fantasmas, como conta o ti yoaquim, um homem honrado e dado à virtude. Ele agora, está velho, cansado pela triste vida que passou. É viúvo e tem apenas uma filha, já casada e com dois filhos.

Só eles vivem entre as mesmas paredes e entre o mesmo tecto, excepto o marido, que emigrou para um país onde se ganha melhor a vida. Esta pequena família é feliz. Vive na paz de Deus.

Os netos, ouvem o avô com muita atenção, parecendo ter medo do que o avô dizia. Os netos, são dois pequenos rapazes, magros, com várias diferenças entre si. Os seus nomes são: Manuel e João. João é o mais inteligente, a nível da teoria e Manuel, pouco inteligente, mas o mais trabalhador. Sendo também o mais traquinas.

Deitado num velho banco perto da lareira, o avô contava, já com a voz rouca pela idade:

— Manuel e João, quando eu era da vossa idade, aterrorizava-me muito para as bandas do rio. É um certo dia à noite, eu e outro amigo, fomos nos aventurar para aquelas paragens. Quando estávamos perto, mesmo perto da água, na margem, sabem o que eu e o meu amigo vimos? — faz uma cara de terror.

— O diabo, talvez... — responde o Manuel com cara de quem está amedrontado — ... ou então, um anjo com o diabo.

— etada disse! — interrompe o avô. — Um bar-

co diabólico, com dois sujeitos dentro, vestidos com umas roupas pretas e a cara tapada. Parecia vir do fundo do inferno. — as erianças tremem, com terror à cara que o avô fazia — Faziam uns sons como os fios de moreago e de mocho. Eles demora a correr pelos campos fora, que só fomos parar dentro de casa.

— Siveram algum medo? — pergunta o João — Os mãs sentiram nada.

— De tivemos! elunca mais mos chegamos junto da-
quela rio, à noite. — responde o avô atemorizado.

A conversa termina aqui, pois a mãe Joana tinha acabado de lavar a loiça, mandando-os para a cozinha. Ela cozinha, depois das erianças saírem, ficam apenas: o ti Joaquin e a mãe Joana.

— Os teus menios são adoráveis. — diz o ti Joaquin à filha. — Se o teu marido mãs estivesse na Franca, eles seriam mais divertidos e alegres.

— Eles gostam do pai. — responde a filha.

O avô (ti Joaquin) levanta-se, pega numma bacia com água e atira a água para cima do fogo. O lume apaga-se e saíem os dois, indo dormir. O sono de todos eles é pesado, pois trabalharam muito durante o dia, no campo.

No dia seguinte de manhã, a aldeia acorda. Já ser um belo dia. O sol é plenamente visível. O céu está quase limpo, estando as nuvens pequenas, a correr para o interior. É um dia de clima raro, na estação do Inverno.

Na pequena casa de granito, já atrás referida, toda a gente se levanta. A mãe Joana, vai preparar o café, os filhos, lavar a cara e o avô vai afiar as enxadas para o celeiro. Depois de almoçarem, vão para o campo começar os trabalhos. Todos os quatro, levam uma enxada ao ombro cada. O João e o Manuel, com as suas enxadas, as costas, parecem já uns homens. O avô, a manquejar pelo caminho, parece um pedaço de carne enfiada a mover-se. Quanto a Joana, leva um ar suave e ligeiro, próprio das mulheres com trinta anos.

Chegam à sua propriedade. Propriedade pertencente ao

ti Joaquim. É constituída por dois campos de um hectare cada, duas pequenas leiras e um outro campo de cerea de três hectares. O ti Joaquim, resolveu semear nos dois campos de um hectare, semente. E agora, está a pensar em plantar tronchudas numa das leiras. Neste momento, preparam a terra para a plantação das tronchudas. Estão com muita vontade de trabalhar. Talvez seja o belo dia que lhes faça ganhar forças para o trabalho. Ao entanto, João pergunta ao avô:

— O avô, aquilo que nos contou ontem, foi verdade?

— Bem. Em parte foi. — troce o brigadeiro — eles vimos o tal baco, mas não era diabolico. Era um baco normal.

— E porque nos mentiu? — pergunta o Manuel, rapando as orelhas do terreno — Foi para nos assustar?

— Claro que não! — responde o avô, rapando também — Eu não teria coragem para fazer uma coisa dessas.

— É. O avô só inventa. Enche-nos a cabeça com coisas do tipo aterrorizantes, para andarmos assustados — concluiu João, virando-se para o irmão.

— Mas não temos a certeza do que ele nos contou. Vamos ter muito cuidado. — fala Manuel.

— Então não acreditam nas minhas palavras. Muito bem. Para mim, pouco me importa. — termina o avô.

De tarde, os dois irmãos vão à escola. O João, anda na quarta classe e o Manuel anda na segunda classe. Na escola primária, claro. O que anda na segunda, já repetiu um ano. O João é mais esperto, pois não repetiu, nunca. Os dois irmãos, estão educados à maneira salta. Mas o João, foge um pouco à regra.

Pelo caminho, falam sobre os tais fantasmas do rio.

— O avô talvez tenha dito a verdade, acerca dos fantasmas. Talvez tenha exagerado um pouco — fala o João.

— Nunca, mais me chegarei perto do que rio, à morte. Safa! — fala o Manuel — Nunca mais.

— Calade. — exclama João — És um grande covarde.

E continuam a caminhar, até alcançarem a escola, conversando sobre variados temas.

II O tempo foi passando e a história foi-se esquecendo. Sou

co mudou, mas últimas semanas passadas na aldeia. O santeio já cresceu bastante e as tranchedas já foram plantadas na leira da propriedade do ti joaquim. Começou a construção de uma nova taberna na aldeia. Será um novo passatempo nas tardes de Domingo, para o povo da terra. Esta aldeia, a nível económico, é muito pobre. Cada família produz o necessário para subsistir. No entanto, vendem o que lhes sobra, na feira e na praça, da cidade. Na aldeia, todas as famílias vivem da agricultura, excepto o dono da taberna que está em construção.

II Ora um Domingo, o ti joaquim encontrava-se na velha taberna da aldeia, a beber uns copos com uns amigos. Todas as reuniões e encontros que se fazem na aldeia, são na taberna, propriedade de um tal Manuel do Louto, homem prestigiado e honrado pelo povo da aldeia. Em volta de uma velha mesa de madeira rectangular, no centro do salão da taberna, estavam três homens. O ti joaquim, o ze' das Fontes e o ti Ribeirinho. Todos eles muito amigos. Sertrás do baleão estava o Manuel do Louto, limpando copos. Ze' das Fontes, pseudónimo ^(aleuinha) com que ele próprio se baptizou, está aleuinha! Ele falava:

— Este ano irá haver bastante pd. e churra pouco corre-gou. Temos uma sorte...

— Muita sorte, mesmo. Se não fosse o nosso Senhor, Jesus Cristo e a minha falecida Maria, que Deus a guarde, as minhas plantações seriam zero. — diz o ti joaquim.

— Não se xale com tanto. — interrompe o ti Ribeirinho. — Tabe, joaquim. Eu estive cá a pensar num certo assunto. É melhor, problema!

— Então fale homem. — ordena o ze' das Fontes.

— Como a nossa terra não tem luz eléctrica, nós poderíamos fazer com que ela a tivesse.

— Não é má ideia. — fala o ti joaquim — a nossa aldeia ter luz eléctrica! É quase impossível.

— Quase impossível? — interrompe o ti Ribeirinho, furioso — Claro que é um pouco difícil, mas podemos tentar — abrandando a voz.

— Vamos ter muito trabalho. — fala o Manoel do Lou-
to limpando copos — Primeiro, teremos que meter uns pa-
peis na Câmara Municipal. E depois, é só esperar. Mas
vamos esperar muito.

— Está combinado! Eu amanhã irei à cidade, preenche-
rei os papéis e meto-os na Câmara e fica tudo resol-
vido — diz o ti Ribeirinho, acabando de beber o vinho
do seu copo — Podem contar comigo.

Entretanto, chega o homem mais temido da aldeia
O Domingos Seio! É um homem monstruoso, que
sempre que sai de casa, leva a espingarda com si-
go. Não gosta de ver alguém, nem de ouvir, dizer bom
dia à esposa. Apenas homens, pois não gosta que apre-
ciem. Certa vez, até correu um homem a tiro, apenas por
o tal homem passar pela mulher e lhe dizer que está-
va muito bonita. Isto é o cúmulo dos cúmulos!
Este Domingos Seio, quando passa pela aldeia e encontra
alguém conhecido, não diz bom dia. Se alguém lhe
dizer bom dia, ele não responde, arrastando apenas
os dentes. Além de ser o mais temido, também é o mais
bruto, o mais estúpido e o mais desprezado.

Entra na taberna, põe-se estabeado em frente do
balcão como um soldado em sentinela, mexendo ape-
nas os lábios. Quando os três velhos notam a sua pre-
sença, calam-se. Dirigindo-se nos seguintes termos ao
dono da taberna, fala, resmungando:

— Um quartilho numa malga de litro!

— Uma malga de litro?! — pergunta o tabernei-
ro admirado — Mas a malga é grande de mais.

— Faça o que eu lhe disse e ande depressa, pois
estou com a ^{garganta} "garganta seca". — responde.

— Vou deitar o vinho numa malga de quartilho.

— Não! — grita, furioso — Não quero beber
por chavemas. Gosto de beber à minha vontade!

— Está bem. — gagueja, tremendo de medo e
pegando numa grande malga onde deita algum vinho,
que nem o fundo cobre.

Domingos Feio pega na grande malga e, virando-se para os da mesa grande:

- Porque pararam de falar? Sem medo de mim?
- Não temos medo de ninguém! - responde o Zé dos Fontes.
- Mas fede ser que tenha. Cuidado, uma palavra a mais e vai para os anjinhos. - Goza, Domingos Feio.
- Deverias ter vergonha de aparecer por aqui.
- Caluda! É má me tomes a falar nesse tom.
- Eu a ti, metia-me a brincar num bico e nunca mais a tiraria. - interrompe o ti Joaquim. - Nunca mais.

O bruto, põe a grande malga em cima do balcão, atira algumas moedas para o Manuel do Jato e sai da taberna como um foguete. Salvês estivesse envergonhado.

- Este homem é o diabo em pessoa. - exclama o ti Ribeirinho - Deve andar ~~confessado~~ por alguém.

III Certo dia na escola da aldeia, o Manuel e o João, com todos os colegas, encontravam-se no recreio. Era de tarde, o céu estava muito nebuloso, mas não chovia. Por isso, todas as crianças brincavam alegremente. Os dois irmãos não brincam. Comem um pedaço de pão cada um, em algum chourico, sentados numas pedras que estavam a um metro do recreio, estão.

Uma menina bonita, magra e com os cabelos loiros, aproxima-se dos dois irmãos, servindo. Diz o seguinte:

- Quereis brincar à cebra cega?
- Vamos? - pergunta o Manuel os irmãos.
- Não me apetece nada. Vai tu.
- Ainda lá. Vem descontrair-te. - feda a menina.
- Não! - nega o João, irritado. - Ide vós!

Manuel acompanha a miuda, que tem o nome de Isabel. Chegam a um grupo de meninas e preparam o jogo. Manuel, é escolhido para «cebra cega». As meninas vendam-lhe os olhos com um lenço e começa o jogo. Manuel, não vendo nada, tenta reconhecer, através de apalpações, as companheiras. Elas riem, alegremente, evitando de um lado para outro, evitando ser apalpada pelo «cebra cega».

Entretanto aproxima-se uma outra criança, um tal com o nome de Saulo, filho do temido Domingos São. Esta criança julga-se a mais forte da aula e onde se mete, arranja 'sarriches'. É mal criado e mal educado, chateia-se por tudo e por nada, anda sempre à belha com os colegas e quando se zanga, até é capaz de deitar a escola abaixo. Saulo senta-se ao lado de João com ar de autoridade e pergunta-lhe em alta voz:

— Então? Estás a ver as brincadeiras das raparigas e o maricas do teu irmão a jogar?

— Não admito que me fales nesse tom! E não teres a dizer mal do meu irmão!

— Não?! Que gracinha! — toca com o dedo indicador no queixo de João — Olha! Eu é que não admito que me fales assim, porque se assim não for, sabes o que te acontece? — deita-lhe as mãos ao pescoço — Isto!

João fica tão aflito que não consegue falar nada. Outro vez que ele não fala, larga-o e exclama:

— Até tenho pena de ti. — dá-lhe um empurrão, João cai no chão — Que belo tombo! — ri-se.

— Eu riço-me! — diz João com a lágrima no olho e olhando para o pedaço de fio caído por terra.

— De que é que te riças? Mas de quem? Eu avisei. Agora apertas. — levanta-o do chão e dá-lhe um soco. O João retorna ao chão. Então, as crianças que jogam à cebra-cega são alertadas pelo barulho e param o jogo. Manuel tira o lenço dos olhos, vê o irmão por terra, e atira-se como uma fera sobre o Saulo. Uma luta de pontapé, socos e arrastadelos desenrola-se. Os dois irmãos, agora juntos, lutam desesperadamente contra Saulo. Agora a luta é de igual para igual, pois o Saulo é mais velho quatro anos do que os dois irmãos. Passados alguns minutos já o provocador estava a sangrar, e então os dois irmãos deixam-no. Por fim, o desgraçado retira-se. Na cara dos dois irmãos, desenhava-se um sorriso um tanto ou quanto, de aflicção. Mas como já tudo estava resolvido, foram os dois jogar com as meninas o jogo começado.

Não cair da tarde, as aulas terminam e todos vão para casa. Quando João e Manuel chegam, a mãe goarna, vendo-os todos sujos, pergunta-lhes o que tinha acontecido. Eles ficam muito aflitos, pois se a mãe ou o avô, que eles andaram à porrada na escola, batem-lhes imediatamente. Os dois irmãos olham-se, tentando inventar alguma desculpa. João, vendo que o irmão nada dizia, resolve falar ele próprio, desconfiado com a pergunta da mãe:

— Não aconteceu nada.

— Mas... e as nossas roupas? — pergunta a mãe, apontando as calças dos dois filhos.

— Calças? Que calças? — interroga o Manuel.

— As nossas, claro! Não são as minhas!

Então os dois irmãos olham para as suas calças. Simham-se esquecido de as limpar no fim da zaragata que tiveram com o Paulo Sérgio. Ficam ainda mais aflitos.

— Não respondem? — peticira-se e pega num chicote que foi trás da porta da cozinha estava defendendo. — Ou falais ao bem, ou falais ao mal. — aproxima-se. Os dois irmãos ficam assustados. — Bem, quem é o primeiro a falar? Mas a verdade. Quero a verdade!

— ele regresso a casa, nós tropeçamos e caímos.

— Não acredito. Deves estar a mentir. — levanta o chicote contra o João, que tinha respondido. — Deveis ter andado à porrada na escola. — João começa a chorar amargamente. — Agora já percebo tudo! — dá algumas chicotadas em cada um, no traseiro. Começam a chorar.

— Foi o Paulo Sérgio que se acanou. Bateu no João, eu fui acudir e demos-lhe uma lição. — chora.

— até que enfim! Confessaram! Já para a cama seus malandros! — bate com o chicote na mesa.

O avô chega e fica admirado com toda aquela babilheira. Pergunta à mãe goarna:

— O que está a acontecer aqui dentro?

— Já fizeram das deles. andaram à porrada.

— empresta-me o chicote. Vou os ensinar a andarem direitinhos. — aproxima-se dos netos e dá-lhes al-

gumas chietadas — Tomem! Tomem e tomem! — deixa-os a gemer e manda-os para o seu quarto. Eles choraram o resto da tarde. Mas o avô ameaçou-os, pois se eles não se calassem, levariam mais uma fivada.

Sobres criameas! Levarem fivada, enueentemente. Isto é falta de coraead. Mas como na aldeia usa-se a ssim, não podemos dizer nada. São costumes.

IV A Primavera chega. As maeiliar, as ameixoerinas, as pereiras... já têm flor. As erdades parecem uma feira de flores. Os prados da aldeia, que são os prados, estão cobertos por um extenso tapete de pequenas flores, amarelas, vermelhas e violetas. As poucas laranjas que existem em alguma laranjeira esguerdada, que escaparam à cheura do Inverno, brilham, sintilando com o sol, claro e leve. O sentieio, já amarelo, está maduro, espera os homens e mulheres para o cortarem. As batetas já foram plantadas, estando a sua rama quase a furar a terra.

Os pássaros chibreiam, alegres, pois a Primavera é a sua estacod preferida. Algumas cerejeiras, em flor, alguns casais de pássaros acasalam-se, para formar novos lares e fazerem família. Alguns, já começaram a construir os ninhos, como as andorinhas. Os lagartos, que se abrigaram toda o Inverno no seu casulo, saiem para fora dele, transformados em belas barboletas. Os grilos saiem dos seus buracos, para cá fora, cantarem e comerem, alegremente. As formigas também saiem dos seus buracos, mas para trabalharem e não para gozarem, como outros bicharceos. Enfim, toda a bicharada sai para fora dos seus abrigos para passarem a Primavera.

A aldeia vive feliz, os enueantes maravilhosos da Primavera. Mas nem tudo são eraves e rosas. Outros acontecimentos, menos alegres acontecem. Como por exemplo, morreu um velho na aldeia de noventa e dois anos. Já tinha vivido muito. Serve movent

para dar vez a outros que nasceirão. A vida nunca para, está sempre em movimento.

O João e o Manuel, acompanhados por duas meninas, a Isabel que já vimos atrás e a Luísa, andam à caça dos grilos, num pequeno Prado cheio de flores lá na aldeia. Estão nas férias da Baseira, portanto podem passear e brincar livremente, mas nem sempre, pois nas férias têm de ajudar os pais no trabalho do campo, que é muito duro, como toda a gente sabe.

Estão muito felizes, pois há sol, frescura e agora, poderão tomar banho no rio. Isabel e Luísa, apanham flores, João e Manuel, procuram buracos, arrastando-se pelo chão armados em falheiras. Se encontram algum buraco, entram-lhe dentro, metem a falheira e o grilo sai para fora. Depois metem-no dentro de uma gaiola para grilos. Mas isto requer muito trabalho.

do entanto, Luísa vai a cortar uma violeta quando aparece-lhe uma carochinha no chão. A carochinha é um insecto preto e grande, com umas garras, parecidas com braços de caranguejo. Se apanha o dedo de Luísa, fica-o fortemente, fazendo golfe. Luísa quando a vê dá um gritinho, saltando todos os presentes, a carochinha em sua direcção. João grita:

— Não te aproximes mais! Afasta-te daí, que ela pode ferir-te. Depressa!

— Está bem. Mas parece tão bonita e engraçada — vai-se afastando do bicho, a Luísa.

Com fim de algumas horas, o João e o Manuel já tinham apanhado sete grilos e as meninas já tinham flores suficientes para levarem. Então, resolveram voltar para casa, pois a tarde já caía.

Os grilos apanhados pelos dois irmãos, estavam dentro de uma gaiola, onde estava dentro do seu quarto, para cantarem durante a noite. As flores das meninas, murcharam e foram atiradas ao lixo. Mas quanto aos grilos, todos morreram menos um, pois os grilos não podem estar juntos. Matam-se uns aos outros.